

**1** Graduando em medicina, bolsista PIBEX UEMS e integrante do núcleo de pesquisa em linguística aplicada.

**2** Pós-Doutor pelo programa de PhD em *Urban Education* da *City University of New York* - Estados Unidos. Doutor em Estudos Linguísticos e Literários de Inglês pela USP, com estágio doutoral no *Centre for Globalization and Cultural Studies - Univeristy of Manitoba* - Canadá. Atualmente, é professor da graduação e Pós-graduação em Letras e da graduação em Medicina e Assessor de Relações Internacionais e Mobilidade Acadêmica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Artigo

## INTERNACIONALIZAÇÃO COMO PRÁTICA LOCAL: EXPLORANDO CONCEITOS E TENDÊNCIAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Vitor Souza Vergara<sup>1</sup>  
 Ruberval Franco Maciel<sup>2</sup>

### Resumo

A internacionalização representa um conceito que tem recebido cada vez mais destaque nas políticas e agendas do ensino superior. Este termo requer aprofundamentos e teorizações, sobretudo, problematizações que vão além do aspecto mobilidade acadêmica ao se conceber significados mais amplos sobre esta questão. Neste sentido, este artigo tem por objetivo discutir e situar o leitor sobre as tendências e conceitos relacionados ao conceito de internacionalização em um contexto mundial, além de refletir tais aspectos no contexto brasileiro. Neste artigo também será explorado o aspecto de internacionalização como prática local ou internacionalização em casa, apontando para estratégias de implementação de ações que contemplem tal aspecto, seus conceitos, formas de abordagem e como este tipo de ação é desenvolvido no curso de medicina da UEMS, por meio dos *English Clubs* e *English for Medical Purposes*. Como conclusões finais, podemos inferir que muitos países e universidades tem procurado inserir a internacionalização no seu contexto educacional, porém há muitos lugares e instituições que necessitam de mais incentivo, para implementá-la de forma concreta.

**Palavras-chave:** Internacionalização. Internacionalização como prática local. Internacionalização em casa.

## Abstract

Internationalization represents a concept that has received an increasing attention in the policies and agendas of higher education. This term requires more discussion and theorizing regarding problematizations that go beyond the aspect of academic mobility. In this sense, this article aims to discuss and situate the reader on the trends and concepts related to the concept of internationalization in a global context, in addition to reflecting such aspects in the Brazilian context. In this article we will also explore the aspect of internationalization as local practice or internationalization at home, pointing to strategies for implementation of actions that contemplate such aspect, its concepts, ways of approach and how this type of action is developed in the medicine course of UEMS, through the *English Clubs* and *English for Medical Purposes*. As final conclusions, we can infer that many countries and universities have tried to insert internationalization in their educational context, but there are many places and institutions in where is necessary more incentive, to implement it properly.

**Keywords:** Internationalization. Internationalization as local practice. Internationalization at home.

## Introdução

A internacionalização é tema que desperta interesse e tem sido amplamente debatido no cenário educacional. Na Europa, por exemplo, há muito tempo o ensino superior é marcado por fluxos de estudantes e docentes. Essa política recebeu mais força a partir da Declaração de Bolonha, em 1999, ao se propor uma modernização das Instituições de Ensino Superior, para enfrentar os desafios da globalização e garantir competitividade no mercado de trabalho.

Para se compreender a importância da Declaração de Bolonha, é necessário entender outros contextos pois, de acordo com os autores Bianchetti e Magalhaes (2015), por se tratar de um processo complexo, é importante entender, também, todo o contexto histórico e geográfico da União Europeia (UE). Desde a antiguidade, a Europa tem sido o centro do conhecimento, pioneiros no seu processo civilizatório e implantando a chamada “visão eurocêntrica”, ou seja, uma forma de interpretar a realidade na qual os valores sociais, econômicos e políticos europeus servem de base para os demais. No entanto, principalmente nas últimas décadas, a União Europeia (EU) veio perdendo seu protagonismo, especialmente frente ao crescimento dos Estados Unidos (EUA) nos pós-guerras mundiais, Japão, Brasil, Rússia, Índia e

China. Buscando a constituição de uma federação com a superação dos problemas e diversidade étnica e cultural, foi criada a União Europeia em 1992, baseada na antiga Comunidade Econômica Europeia. Paralelamente a esses acontecimentos, a Declaração de Bolonha de 1999 reflete as medidas tomadas no campo educacional para se reafirmar o protagonismo europeu. Trata-se de uma declaração conjunta dos ministros de educação europeus visando elevar sua competitividade e atração mundial, criando uma Área Europeia de Ensino Superior (AEES) para haver compatibilidade nos sistemas de ensino, mobilidade de professores e alunos e empregabilidade de egressos.

A partir desse tratado, começou-se a pensar aspectos como certificação internacional, proficiência linguística, transculturalidade, bem como revalidações de créditos obtidos em outras universidades estrangeiras. Apesar do tratado revelar uma ação na UE, suas implicações a respeito da internacionalização não se restringem a Europa, mas se espalham para as outras partes do mundo, inclusive Brasil, daí a sua importância para o tema de internacionalização no cenário mundial.

Em outros contextos, como é o caso do Brasil, as políticas de internacionalização, durante muito tempo se traduziram por incentivos de agências financiadoras como Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) para a formação de recursos humanos em um movimento exógeno em direção aos lugares tidos como centros de referências: Europa e Estados Unidos. Este cenário de política de internacionalização para formação de recursos humanos tem diminuído, uma vez que as universidades brasileiras já possuem seus centros de formação em programas de mestrado e doutorado. Vale ressaltar que pensar em internacionalização considerando apenas o movimento de diáspora em busca de conhecimento de referência no exterior, representa uma visão limitada de internacionalização, uma vez que esta precisa ser situada em um contexto de globalização e de educação internacional. Há ainda programas de incentivos a professores visitantes, estágio doutoral sanduíche e programas de cátedras, entre outros, com número menor de bolsas em 2016 comparado ao ano anterior.

Neste sentido, a internacionalização, conforme Knight (2008), é um termo que vem cada vez mais sendo utilizado para discutir a dimensão internacional do ensino superior. Esse assunto tem se tornado uma das maiores influências no que se refere ao contexto educacional, principalmente no século XXI, em que a nova realidade de globalização do mundo impacta diretamente na internacionalização. Neste raciocínio, a internacionalização

torna-se um processo que integra as dimensões internacionais, transculturais e locais nos contextos de ensino, pesquisa e extensão no ensino superior.

A internacionalização, conforme Rumbley e Altbach (2016), pode assumir diferentes entendimentos dependendo do contexto em que é utilizado. Para esses autores, dois aspectos principais ou duas vertentes desse entendimento podem ser destacados: uma global e uma local.

No que se refere ao aspecto global, quatro fatores em que esse entendimento está muito ligado podem ser elencados, sendo eles:

- I. A política de mercado (influenciada pelo neoliberalismo);
- II. As estratégias adotadas pelos governos e universidades para adequar o ensino superior nos âmbitos institucionais e nacionais,
- III. Questão de negócio envolvendo mobilidade de estudantes, cursos de línguas, dentre outras ações e programas.
- IV. Desenvolvimento dos novos serviços de comunicação e tecnologia, impactando diretamente na internacionalização, aliada a uma sociedade que cresce em conhecimento e informação, o que possibilita a maior acessibilidade e fluxo de conhecimento internacional, que constitui um dos conceitos da internacionalização, e está crescendo entre as instituições, com a realização de número crescente de parcerias entre as instituições educacionais.

Os quatro fatores acima podem ser notados no contexto de universidades do exterior que dependem do capital financeiro privado. Nesses contextos, a parte educacional se torna uma commodity e não necessariamente um bem público. Há a preocupação de atração de alunos e a preocupação com a visibilidade na universidade no cenário internacional. Há, ainda, a preocupação com a mobilidade virtual e internacionalização virtual, contemplados por cursos online e projetos colaborativos virtuais.

Em uma visão mais local, o entendimento está mais focado nos aspectos práticos da internacionalização. Isso pode ser identificado, por exemplo, em ações institucionais, tais como em mobilidade, programas e adequar o câmpus a uma realidade internacional, bem como ampliar as possibilidades de experiências estudantis, incorporando novas descobertas em pesquisa, trabalho e atividades voluntárias, preparação de estudantes para possíveis mobilidades e assinaturas de parcerias entre as universidades para o intercâmbio de conhecimento e de recursos. Todos esses aspectos, indiretamen-

te, também precisam de suporte de editais específicos de agências de fomentos.

No Brasil, com o objetivo de incentivar a internacionalização nas instituições de ensino superior, a CAPES conta com um Programa Institucional de Internacionalização o Programa CAPES – PrInt. O programa tem por objetivo incentivar a internacionalização dos Institutos de Pesquisa e Instituições de Ensino Superior por meio de programas de pós-graduação como forma de incrementar produção científica e acadêmica. Para isso, conforme site da CAPES<sup>1</sup> o programa oferece financiamento para as seguintes atividades:

- Auxílio para Missões de Trabalho no Exterior;
- Recursos para Manutenção de Projetos;
- Bolsas no Exterior:
  - Doutorado Sanduíche;
  - Professor Visitante no Exterior Junior (antigo pós-doutorado com vínculo empregatício);
  - Professor Visitante no Exterior Sênior (antigo estágio sênior no exterior);
  - Capacitação em cursos de curta duração ou “*summer/winterschools*”.
- Bolsas no País:
  - Jovem Talento com Experiência no Exterior;
  - Professor Visitante no País;
  - Pós-Doutorado com Experiência no Exterior.

Em 2017, a CAPES realizou uma pesquisa sobre a internacionalização na Universidade Brasileira, por meio da aplicação de questionários, para oferecer um diagnóstico da atual situação das Instituições de Ensino Superior. Os programas mais citados foram os Programas de Bolsas Individuais, mas também foram citados programas bilaterais com Europa e com América do Norte, programas bilaterais com Cone Sul e África, e as Cátedras. O programa de bolsa individual mais utilizado foi o Doutorado Sanduíche e Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) foi o segundo programa mais citado. Entre os menos citados se encontram as bolsas para estudantes de turismo, bolsa MTUR (Ministério do Turismo) e bolsa de doutorado no exterior pela CAPES (doutorado pleno). O programa Capes-Cofecub, acordo bilateral entre Brasil e França, foi um dos mais citados.

Segundo a CAPES, há perspectiva de aumento nas ações de internacionalização, mas que ainda não seria suficiente para atender suas

---

<sup>1</sup>Disponível em <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>>. Acesso: 24/05/2018.

metas, sendo necessária maior cooperação e parceria das instituições brasileiras com instituições de pesquisa e ensino internacionais, utilizando-se de diversas modalidades de bolsas, mobilidade de professores e corpo técnico e projetos de pesquisa em conjunto.

Dentre essas parcerias e cooperações internacionais já existentes, temos os Estados Unidos, como o principal país com maior percentual de cooperação citado pelas instituições, seguidos por França, Alemanha, Reino Unido, Canadá, Portugal, Espanha e Itália. Entre os menos expressivos estão a Coreia do Sul e a Rússia. O único país citado pertencente ao BRICS (cinco principais economias nacionais emergentes que inclui Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) foi a China.

Conforme exposto anteriormente, no caso do Brasil, para se inserir no contexto de internacionalização muito foi feito. Assim, devemos ter em mente que esse termo – internacionalização – pode assumir diferentes significados, em diferentes contextos, que podem mudar de região para região e de país para país.

### **A expansão dos conceitos de internacionalização no ensino superior internacional**

A palavra internacionalização pode ser entendida de diferentes maneiras dependendo do seu contexto sócio histórico (ou tem sido focado com diferentes compreensões nas últimas décadas).

Como forma de elucidar sua origem e seus significados, Knight (2003) aponta a internacionalização como um termo já existente há muito tempo, amplamente usado na ciência política e nas relações governamentais há séculos. No entanto, esse conceito começou a ser empregado na área educacional a partir dos anos 1980. Na década de 1960, segundo Knight (2008), os termos mais utilizados eram cooperação internacional, relações internacionais e educação internacional e se referiam principalmente a desenvolvimento de projetos, estudantes estrangeiros e acordos acadêmicos internacionais e culturais.

Dentre outros termos já existentes, podem ser citados ainda: educação multicultural, educação intercultural, educação a distância e educação global, designando os mesmos conceitos anteriormente citados. Somente mais tarde, nos anos 1980 começou a ser mais difundido e utilizado e desde essa época seu conceito foi sofrendo modificações com o tempo. Inicialmente, seu enfoque estava definido em estudos no exterior, estudo de línguas, acordos institucionais e áreas de estudo. Posteriormente, na década de 1990 mui-

tos enfoques foram dados, primeiramente passou a caracterizar múltiplas atividades, programas e serviços que se baseiam em estudos internacionais, intercâmbios internacionais e cooperação técnica. Outro enfoque usado foi o processo de integração de dimensão internacional e intercultural no ensino, pesquisa e serviços de uma instituição. Porém, essa definição recebeu críticas por estar baseada na instituição e, devido a isso, um conceito mais amplo surgiu definindo internacionalização como qualquer esforço em fazer o ensino superior responsável pelas necessidades e desafios relacionados a globalização da sociedade, economia e mercado de trabalho. Novamente, esse conceito recebeu críticas, por somente situar a dimensão internacional no contexto externo, de modo que no início do século XXI outro enfoque foi adotado, para especificar o uso do termo internacionalização, assumindo a característica de definição do trabalho. Por essa definição, compreende-se internacionalização nos níveis nacionais, setoriais e institucionais como um processo de integração das dimensões internacional, intercultural e global com os propósitos e funções do ensino superior nos níveis nacionais e institucionais.

Além da internacionalização, outros termos ou novos termos merecem destaque, entre eles estão: educação sem fronteiras (*borderless education*) e educação transfronteiriça (*cross-border education*) que segundo Knight (2003), referem-se ao aspecto de dar menos importância às fronteiras geográficas, bem como disciplinares que usualmente limitavam a internacionalização do ensino superior tradicionalmente. Ressalta-se a uma diferença entre os termos, uma vez que educação sem fronteiras trata a questão das fronteiras como de pouca importância ou que não acarreta tantas consequências no ensino. Por outro lado, educação transfronteiriça deixa fronteiras em destaque, no sentido de focar nos aspectos legais como nos financiamentos, qualidade do ensino e validação de cursos ou diplomas realizados no exterior. Ainda, termos como educação transnacional, educação virtual e globalização ganham destaque e passam a ser empregados nas discussões sobre internacionalização.

Internacionalização como prática local ou internacionalização em casa é um dos novos termos surgidos para designar os aspectos práticos da internacionalização dentro da universidade ou instituição. De acordo com Beelen (2016) há seis problemas-chaves se referindo a internacionalização em casa: estratégias e prioridades; atividades implantadas pelas universidades para implementar suas estratégias, produção internacional e suas avaliações, experiência e habilidade do corpo docente, desenvolvimento profissional voltado para a internacionalização como prática local e o papel dos

profissionais estrangeiros no processo de internacionalização em casa.

No contexto atual, novas realidades surgiram e estão surgindo, e principalmente devido a globalização e mudanças no meio educacional muitos desafios têm se apresentados. O autor Knight (2008), elenca um total de oito desafios: um primeiro desafio, já citado, é a globalização. Este é um termo muito abrangente e impacta diretamente em muitos setores da sociedade influenciando no fluxo de pessoas, ideias, culturas, valores, conhecimento, economia resultando em mais relações, tornando o mundo mais conectado e dependente. Conseqüentemente, impacta na internacionalização em seus vários aspectos como currículo e ensino, mobilidade acadêmica, programas internacionais, desenvolvimento de projetos internacionais, estudo de línguas estrangeiras, transações comerciais, dentre outros.

Outro desafio é a regionalização, resultado da globalização, o que leva ao surgimento por exemplo, de blocos econômicos como a União Europeia, não só economicamente como também em outras áreas. Assim, consórcios e alianças tornam-se cada vez mais frequentes, o que no contexto da internacionalização do ensino superior pode facilitar os fluxos e serviços.

Um terceiro desafio são as tecnologias de informação e comunicação, que possibilitam para os acadêmicos ter maior acesso a informações internacionais e contato internacionais. Além disso, as novas tecnologias tornam possível oportunidades de realização de cursos a distância, desenvolvimento de programas educacionais, levando o estudante a ter um currículo internacional e novos processos de aprendizado.

Um quarto desafio é o surgimento de novos provedores, com desenvolvimento de novos métodos no ensino e novos programas. Dentre os novos provedores encontram-se as companhias de mídia, multinacionais, universidades corporativas e associações e organizações de redes profissionais. Geralmente, são voltadas para o treinamento e ensino, não possuindo um foco evidente em pesquisa.

Outro desafio são as fontes de financiamento para pesquisas e atividades nas universidades. Para isso, um dos caminhos seguido é diversificação, privatização e comercialização do ensino superior e pesquisas. As principais fontes são o próprio governo por meio de receitas e impostos arrecadados, patrocínio e a comercialização das pesquisas e conhecimento científico.

Questões que abrangem o global são um sexto desafio a ser considerado, dentre eles podemos citar as mudanças no meio ambiente, crescimento populacional, segurança, aquecimento global, imigração, terrorismo, direitos humanos. Eles exigem colaboração internacional, por meio de agências governamentais multilaterais e organizações não-governamentais, bem

como do ensino superior.

Um sétimo desafio é o constante aprendizado, frente as novas descobertas. Cada vez mais o conhecimento é gerado e atualizações são feitas constantemente, o que era verdade em uma época pode não ser em outra. Aqui, o importante é manter-se num aprendizado contínuo, sempre atualizando suas habilidades para contribuir no nacional, internacional e local.

Por fim, é apresentado o crescimento de atores envolvidos na promoção, fornecimento e regulação da dimensão internacional do ensino superior. Dependendo da sua atuação podem desempenhar diferentes papéis, abrangendo níveis internacionais, ou atuando mais nacionalmente e regionalmente. Dentre eles podemos destacar os departamentos e agências governamentais, organizações não-governamentais, associações profissionais, fundações, instituições educacionais e fornecedores.

### **Internacionalização como prática local**

Muitas análises foram feitas sobre a internacionalização ao longo do tempo, muitos entendimentos foram abordados, alguns se mantiverem, outros foram deixados de lado, e novos surgiram. Uma das características mais marcantes da internacionalização refere-se à internacionalização em casa ou como prática local, na qual não se trata apenas de mobilidade externa, mas sim pensar no internacional dentro do próprio câmpus da universidade.

Assim, pensar no internacional dentro do local é um dos primeiros passos que uma universidade deve dar para a sua internacionalização. Para os autores Gaalen e Gielesen (2016) a internacionalização como prática local se refere a toda atividade dentro do currículo realizada na própria instituição ou curtas viagens com fins acadêmicos realizadas no exterior, acompanhadas por profissionais da instituição de origem. De maneira mais detalhada, Knight (2008) define internacionalização como prática local se referindo aos aspectos da internacionalização que acontecem no próprio campus, incluindo dimensões internacional e transculturais no processo de ensino e aprendizado, pesquisa, atividades extracurriculares, relações com a cultura e comunidades étnicas locais, bem como a integração de acadêmicos estrangeiros na vivência e atividades da instituição.

Dentro da internacionalização como prática local ou em casa, um aspecto que ganha destaque é o de transculturalidade. Assim, os autores Rocha e Maciel (2016) tratam da internacionalização como prática local com um olhar mais atento para como esse processo influencia na des/reconstrução das identidades, subjetividades e territorialidades, como se realizam e

quais transformações se fazem presentes. A partir disso, há uma abordagem na relação entre culturas como resultado da globalização cultural e, com isso, emerge a ideia de transculturalidade. Ainda, para os referidos autores, este termo pode se referir as mais variadas formas, dentre elas: se referir a ideia em relação a diversidade de línguas, às linguagens, tomando forma em meio ao movimento, cruzamento e transgressão de fronteiras levando a um contexto de transformação, em que se vivencia um processo de intensa e dinâmica interpenetração de ideias, valores, discursos e práticas. Pensando nisso, a transculturalidade serviria, dentro da prática local, como uma maneira de validação da pluralidade cultural, dentro e fora da sala de aula, no currículo e afazeres pedagógicos, contribuindo para as diferentes formas de conceber e construir conhecimento, em meio ao dinâmico contexto de trocas culturais, produzidos pelos fluxos e redes de colaboração cultural.

Visando atender a essas questões, segundo Knight (2008), algumas estratégias acadêmicas podem ser adotadas pelas universidades e outras instituições, podendo ser agrupadas em quatro grandes áreas.

Na primeira temos os programas acadêmicos. Nesse grupo estão as estratégias de estudo de línguas estrangeiras, programas de intercâmbio estudantil, estudantes internacionais, visitas técnicas, duplo diploma, estudos e trabalhos no exterior, dentre outros programas.

Na segunda área estão a pesquisa e colaboração acadêmica, e as estratégias apontadas são a adoção de áreas e temas centrais na pesquisa, realização de pesquisas em conjunto, realização de conferências e seminários, publicações de artigos, programas de intercâmbio em pesquisa, parcerias em pesquisa e acordos de pesquisa.

As relações externas são uma terceira área citada, que podem, ainda, ser divididas em doméstica e transfronteiriça. Na parte doméstica temos as parcerias com organizações não-governamentais ou do setor público/privado, serviços comunitários e projetos transculturais de trabalho e programas de treino e ensino para parceiros e clientes internacionais. Na parte transfronteiriça temos as estratégias de desenvolvimento de projetos internacionais assistenciais, comercialização de programas educacionais, aberturas de filiais, realização de acordos e parcerias, programas externos para ex-alunos e desenvolvimento de programas de pesquisa e serviços.

Por último, temos a área extracurricular, da qual fazem parte as seguintes estratégias: associações e agremiações estudantis, realização de eventos internacionais e transculturais no *campus*, criação de vínculos com os diversos grupos étnicos e culturais e criação de grupos de apoio e suporte.

## **Internacionalização como prática local no curso de medicina da UEMS**

A seguir, serão descritas e discutidas algumas ações de ensino e extensão da UEMS que contemplam os aspectos de internacionalização como prática local.

Com relação à ação de extensão, desde 2017, acadêmicos do curso de medicina desenvolvem o projeto *English Club*. Trata-se de uma ação que busca incluir aspectos da internacionalização dentro do curso de medicina da UEMS, ao explorar literatura estrangeira e capacitar acadêmicos a procurar conhecimento produzido fora do país, sendo uma das atividades de extensão realizada na universidade. No *English Club* é proposto a discussão de um artigo em língua inglesa, previamente escolhido pelo extensionista do curso de medicina, a respeito de uma área de interesse de seus participantes ou tema da área de médica considerado relevante. Os participantes são divididos em grupos, e o artigo então, é dividido em partes de acordo com sua estrutura, uma parte para cada um dos grupos formados. Estipula-se tempo para leitura e compreensão da parte de texto, bem como orientação do extensionista para cada um dos grupos auxiliando no esclarecimento e explicações, caso necessários. A seguir, cada grupo é solicitado a explicar sua parte do artigo, podendo ser feita oralmente em inglês, para aqueles que se sentirem à vontade, ou em português. Antes da apresentação de cada grupo são fornecidas dicas de termos conectivos em inglês que podem ser usados na apresentação. Após, é feito um feedback da apresentação oral, com críticas nos pontos a serem melhor trabalhados, aqueles que podem ser mais explorados e aqueles que devem ser mantidos.

No que se refere à ação de ensino, outra medida contemplada na UEMS, no curso de medicina é a inserção de atividades em Língua Inglesa dentro da grade curricular do referido curso, o *English for Medical Purposes*. No *English for Medical Purposes* são ofertadas aulas de inglês para os acadêmicos de medicina. Inicialmente, os acadêmicos são divididos em três grupos de acordo com seu nível de inglês: básico, intermediário ou avançado. Nos três grupos as mesmas estratégias de ensino são utilizadas, diferindo apenas na língua empregada durante a aula, bem como apresentações orais, podendo ser somente falado inglês para os alunos avançados, e sendo permitido o português para os alunos do nível básico. A aula se baseia em discussão de artigos em língua inglesa da área médica, e do estudo do vocabulário dos termos em inglês da área da saúde. Depois da leitura do artigo, os acadêmicos realizam uma apresentação oral em inglês do artigo, explicando seu entendimento por meio de um fluxograma elaborados durante a aula, com

o objetivo de inserir o acadêmico no contexto das apresentações orais internacionais, tal como ocorrem em congressos, como meio de se familiarizar com este tipo de discurso, realizado em sala de aula de maneira informal, não se atentando as formalidades da organização desses eventos, mas sim do aspecto da oralidade e vocabulário. Ao final, o docente avalia a apresentação e realiza seu feedback. Como forma de avaliação os discentes elaboram um vídeo de aproximadamente três minutos, explicando um artigo de sua escolha em língua inglesa.

### **Considerações Finais**

Como debatido, a internacionalização não é algo novo no cenário educacional e muitos países têm tentado se adequar às exigências do contexto educacional mundial, a exemplo da UE com a Declaração de Bolonha. No Brasil, não é diferente e muito esforço tem sido feito pelas universidades para introduzir a internacionalização no currículo, como também apoio das agências financiadoras como CAPES e CNPq por meio da oferta de bolsas, bem como ações de ensino e extensão.

A internacionalização é algo que vem sendo discutido há algum tempo, adquirindo novos significados e entendimentos com o passar dos anos, mas que principalmente durante esse século tem elevado sua importância no currículo das Instituições de Ensino Superior. Ademais, o principal meio colocar a internacionalização no contexto educacional é através da internacionalização como prática local e estratégias acadêmicas utilizadas para se fazer cumprir tais objetivos.

Os avanços sobre internacionalização nas IES estão sendo feitos. Há uma contínua inserção da internacionalização no ensino, mas que ainda se dá a passos lentos e não atingem a todos os locais. No Brasil algumas universidades têm implementado ações visando a inserção da internacionalização no currículo, como a UEMS. Ainda, no Brasil, busca-se contemplar por intermédio de ações de ensino e extensão, conforme descrito neste artigo, bem como assinatura de convênios e parcerias entre as universidades. No entanto, mais pode ser feito, e mais incentivo deve ser dado para a internacionalização do ensino superior, como meio de ampliar o acesso a materiais e conhecimento difundidos nas várias partes do mundo que contribuem para a formação acadêmica e profissional, numa época de intensa globalização com amplo uso da língua inglesa, o que se revela um diferencial na formação.

## Referências

BEELEN, J. **Global at Home: Internationalisation at Home in the 4th Global Survey.** *Global and Local Internationalization*, 149-154. Sense Publishers, 2016.

BIANCHETTI, L.; MAGALHAES, A. M. **Declaração de Bolonha e internacionalização da educação superior:** protagonismo dos reitores e autonomia universitária em questão. *Avaliação (Campinas)*, Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 225-249, Mar. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772015000100225&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000100225&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Junho 2018. <http://dx.doi.org/10.590/S1414-40772015000100013>.

GAALLEN, A. V.; GIELESEN, R. **Internationalization at Home: Dutch Higher Education Policies.** *Global and Local Internationalization*, 149-154. Sense Publishers, 2016.

J. KNIGHT. **Higher Education in Turmoil: The Changing World of Internationalization.** *Global perspectives on higher education volume 13.* Sense publishers, Rotterdam, The Netherlands, 2008.

\_\_\_\_\_. **Updating the definition of Internationalization.** *Center for International Higher Education, Champion Hall, Boston College, Chestnut Hill, MA 02467, USA, January, 2003.*

Programa Institucional de Internacionalização – CAPES – **PrInt.** Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>>. Acesso em: 24/05/2018.

ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Internacionalização do ensino superior como prática local: implicações para práticas educativas. **Interletras**, V.6, p.1-18, Edição número 24, de Outubro de 2016 a Abril de 2017. ISSN N° 1807-1597.

RUMBLEY, L. E.; ALTBACH, P. G. **The Local and Global in Higher Education Internationalization: A Crucial Nexus.** *Global and Local Internationalization*, 7-13. Sense Publishers, 2016.